Home page: http://www.espiritacaixeta.org.br E-mail: folha@espiritacaixeta.org.br

Folha Espírita Francisco Caixeta

Associação Espírita
Obras Assistenciais Francisco Caixeta
Araxá - MG

Julho/Agosto de 2025 nº123 Ano 21

Centro Espírita Francisco Caixeta
Biblioteca Irmã Inez
Banca do Livro Espírita Chico Xavier

Editorial

O Espírito André Luiz e seu instrutor Calderaro, no livro *No Mundo Maior*, nos levam a uma fantástica viagem retrospectiva da nossa evolução. Onde o princípio espiritual por milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se aqui e ali, ajudando pela interferência indireta das Inteligências Superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento. Portanto, o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou a terra firma, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência. Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O homem das últimas dezenas de séculos representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária. Oscilamos entre a liberação e a reencarnação, aperfeiçoando-nos, burilando-nos, progredindo, até conseguir, pelo refinamento próprio, o acesso a expressões sublimes da Vida Superior, que ainda não nos é dado compreender. Nos dois lados da existência, em que nos movimentamos e dentro dos quais se encontram o nascimento e a morte do corpo denso, como portas de comunicação, o trabalho construtivo é a nossa bênção, aparelhando-nos para o futuro divino. Assim como o carvão que sofre em seu cadinho, nas pancadas do martelo, até se tornar uma preciosidade com seu brilho resplandecente, nós Espíritos em evolução, temos que suar até conseguirmos fazer brilhar a nossa luz. O trabalho no bem, o aprimoramento do conhecimento, vão nos levar a alcançar a sabedoria. Só assim, na luta diária, do trabalho, do amor, da caridade e do conhecer, alçaremos o voo tão sonhado nas esferas sublimes da felicidade daqueles que aprenderam a Amar como Jesus, o Cristo de Deus, nos Amou e continua a nos amar.

Siga a Folha
https://x.com/home
@FolhaCaixeta

IA

540. Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?

"Uns sim, outros não. Estabeleçamos uma comparação. Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto. Enquanto *se ensaiam para a vida,* antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!"

Allan Kardec

O livro dos espíritos, questão 540.

PROGRAMA ESPÍRITA
ENTRE A TERRA E O CÉU
Aos domingos, às 8h, pelas ondas da Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM e pela internet
www.radioimbiara.com.br

Veja nesta edição

Bezerra de Menezes - p.2
Instruções de Kardec - p.3
A Boca da Noite - p.4
O suicídio a Luz da Doutrina Espírita - p.6

Adolfo Bezerra de Menezes O Médico dos Pobres

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti nasceu em 29 de agosto de 1831, na cidade de Riacho do Sangue (atual Jaguaretama), no Ceará. Desde cedo demonstrou inteligência e grande sensibilidade. Estudou as primeiras letras em sua terra natal e, mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade de Medicina, formando-se em 1856. Ainda como estudante, revelou profundo espírito de caridade, atendendo gratuitamente os necessitados que o procuravam.

Exerceu a medicina com dedicação e altruísmo, conquistando o título de "Médico dos Pobres", pois atendia sem cobrar honorários aqueles que não podiam pagar, chegando muitas vezes a comprar medicamentos com recursos próprios para oferecer a seus pacientes. Sua vida profissional foi pautada pelo compromisso com a justiça, a compaixão e a ética cristã.

Paralelamente, Bezerra de Menezes atuou na vida pública. Foi vereador e deputado geral pelo Rio de Janeiro, sempre defendendo os interesses da população mais humilde. Seu espírito humanista, aliado à sua postura íntegra, fez com que fosse respeitado tanto no meio político quanto social.

Em 1886, após conhecer as obras de Allan Kardec, declarou-se publicamente espírita, fato marcante, pois naquela época a doutrina ainda era alvo de preconceito. Sua adesão se deu após estudos sérios e pela convicção de que o Espiritismo representava a síntese entre a fé cristã e a razão. A partir de então, dedicou-se intensamente à difusão da Doutrina Espírita no Brasil, tornando-se escritor, palestrante e dirigente de instituições.

Foi presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB) em duas oportunidades (1889 e 1895-1900), período em que fortaleceu a união do movimento espírita e estimulou a divulgação das obras fundamentais da Doutrina Espírita. Autor de livros como *A Loucura sob Novo Prisma,* em que apresenta reflexões espíritas sobre as doenças mentais, Bezerra de Menezes também escreveu inúmeros artigos e mensagens de esclarecimento e consolo, , com o pseudônimo de Max.

Desencarnou em 11 de abril de 1900, no Rio de Janeiro, deixando um legado de amor, dedicação ao próximo e fidelidade a Jesus e ao Espiritismo. Após sua partida, continuou a se manifestar no plano espiritual, sendo reconhecido como um dos grandes benfeitores da humanidade, conhecido no meio espírita como **"**O Médico dos Pobres" e "O Kardec Brasileiro". Sua vida é exemplo de fé, caridade e compromisso com o bem.

Texto produzido com auxílio de IA.

Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela

Associação Espírita
Obras Assistenciais "Francisco Caixeta"

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PASSANDO PELA TERRA

Sempre útil não te esqueceres de que te encontras em estágio educativo na Terra.

Jornadeando nas trilhas da evolução, não é o tempo que passa por ti, mas, inversamente, és a criatura que passa pelo tempo.

Conserva a esperança em teus apetrechos de viagem.

Caminha trabalhando e fazendo o bem que puderes.

Aceita os companheiros do caminho, qual se mostram, sem exigir-lhes a perfeição da qual todos nos vemos ainda muito distantes.

Suporta as falhas do próximo com paciência, reconhecendo que nós, os espíritos ainda vinculados à Terra, não nos achamos isentos de imperfeições.

Levanta os caídos e ampara os que tropecem.

Não te lamentes.

Habitua-te a facear dificuldades e problemas, de ânimo firme, assimilando-lhes o ensino de que se façam portadores.

Não te detenhas no passado, embora o passado deva ser uma lição inesquecível no arquivo da experiência.

Desculpa, sem condições, quaisquer ofensas, sejam quais sejam, para que consigas avançar, estrada afora, livre do mal.

Auxilia os outros, quanto estiver ao teu alcance, e repete semelhante benefício, tantas vezes quantas isso te for solicitado.

Não te sirvam de estorvo ao trabalho evolutivo as calamidades e provas em que vejas, já que te reconheces passando pela Terra, a caminho da Vida Maior.

Louva, agradece, abençoa e serve sempre.

E não nos esqueçamos de que as nossas realizações constituem a nossa própria bagagem, onde estivermos, e nem olvidemos que das parcelas de tudo aquilo que doamos ou fazemos na Terra, teremos a justa equação na Vida Espiritual.

Emmanuel

Do livro *Calma*
Psicografia de Chico Xavier

Instruções Particulares dadas aos Grupos em Resposta a algumas das Questões Propostas (Item I)

H*á* um ponto sobre o qual creio dever chamar toda a vossa atenção. Quero falar das surdas manobras dos adversários do Espiritismo que, depois de tê-lo atacado abertamente e em vão, procuram atingi-lo pelas costas. E uma tática contra a qual é preciso que estejais prevenidos.

Como sabeis, combateram o Espiritismo por todos os meios possíveis; atacaram-no em nome da razão, da Ciência, da religião. Nada deu certo. Tentaram despejar-lhe o ridículo a mancheias, mas o ridículo deslizou sobre ele como a água sobre o mármore. Não foram mais felizes com a ameaça e a perseguição; se encontraram alguns caniços, também se defrontaram com carvalhos que não puderam dobrar, nem conseguiram abalar nenhuma convicção. Acreditais que seus inimigos já se renderam? Não! Restam-lhes ainda dois meios, os últimos que, esperamos, não lhes servirão melhor, graças ao bom senso e à vigilância de todos os verdadeiros espíritas, que saberão preservar-se dos inimigos internos como foram capazes de repelir os de fora.

Não tendo podido lançar o ridículo sobre o Espiritismo, *invulnerável sob a égide de sua sublime moral,* tentam agora ridicularizar os espíritas, isto é, provocar atos ridículos da parte decertos espíritas ou que *como tais se apresentam,* responsabilizando a todos pelos atos de alguns.

O que desejariam, sobretudo, era poder vincular os nomes de espírita, Espiritismo e médium aos de charlatães, prestidigitadores, necromantes e ledores de sorte, e não lhes será difícil encontrar comparsas complacentes para os ajudar, empregando sinais místicos ou cabalísticos para justificar o que ousaram afirmar em certos jornais: que os espíritas se entregam às práticas da magia e da feitiçaria, e que suas reuniões são cenas repetidas do Sabá. À vista de um cartaz de saltimbanco, anunciando representações de médiuns americanos ou outros, como anuncia o Hércules do Norte, eles se regozijam e gritam dos telhados que o respeitável Espiritismo está reduzido a exibir-se nos teatros de feiras.

Por certo os verdadeiros espíritas jamais lhes darão essa satisfação, e as pessoas razoáveis saberão sempre estabelecer diferenças entre o sério e o burlesco, o que não significa que não devam precaver-se contra toda incitação que pudesse dar lugar à crítica. Em semelhante caso, é preciso evitar-se até mesmo as aparências. Um ponto capital que dá um desmentido formal aessas alegações da maledicência, é o desinteresse. Que dizer de pessoas que fazem tudo por nada e por devotamento? Como tratá-los de charlatães, se nada exigem? Como poderão dizer que vivem do Espiritismo, como outros vivem da sua profissão? que, conseqüentemente, não têm nenhum interesse na fraude, já que sua crença, ao contrário, é uma oportunidade para sacrifícios e abnegação? que não buscam nem honras, nem lucros? Repito-o: o desinteresse moral e material será sempre a resposta mais peremptória a dar aos detratores da Doutrina. Eis por que eles ficariam muito satisfeitos se pudessem encontrar pretextos para subtrair-lhes esse prestígio, ainda que tivessem de pagar a algumas pessoas para representarem uma comédia. Agir de outra forma será, pois, fornecer-lhes armas. Quereis a prova? Eis o que se lê num artigo do *Courrier de l'Est,* jornal de Bar-le-Duc, e que tiveram o cuidado de transcrever no *Courrier du Lot,* jornal de Cahors, e em várias outras folhas que só esperam a ocasião para poder criticar-nos:

"...O Espiritismo tem por partidários três classes bem distintas de indivíduos: os que *dele vivem,* os que com ele se divertem e os que nele crêem. Magistrados, médicos, gente séria, têm assim suas pequenas imperfeições, inocentes para eles, mas muito menos para a classe dos indivíduos que *vivem do Espiritismo.* Os médiuns formam hoje uma categoria *de industriais não registrados e que, no entanto, fazem comércio, um verdadeiro comércio, como passarei a vos explicar...*""

Segue um longo artigo temperado de piadas pouco espirituosas, descrevendo uma sessão a que o autor assistiu e na qual se encontra a passagem seguinte, referente a uma mãe que pedia uma comunicação de sua filha: "E a mesa se dirigiu para a infeliz mãe, que se contorcia em espasmos nervosos. Quando se refez de , sua emoção, lhe deram uma cópia da mensagem; o preço: *vinte* francos, o que não é excessivo, já que se trata das palavras de uma filha adorada!"

A se dar crédito ao autor do artigo, a sessão não se desenvolveu de maneira a exigir muito respeito e recolhimento, pois ele acrescenta: "O senhor que interrogava os Espíritos não me pareceu tão digno quanto o comportava a situação dos interlocutores; não dava mais importância às suas funções do que se estivesse desossando um pernil de carneiro na mesa de um albergue de Batignolles."

O mais deplorável é que tenha podido dizer que viu estabelecerem preços para as manifestações; mas não podemos senão lamentá-lo por julgar uma obra por sua paródia. Aliás, é isso que faz a maioria dos críticos; depois dizem: já vi.

Esses abusos, como disse, são exceções, e exceções raras; se falo disto com insistência, é porque são fatos que dão ensejo à maledicência, quando não decorrem de calculada malevolência. Ademais, eles não poderiam propagar-se em meio a uma imensa maioria constituída por pessoas sérias, que compreendem a verdadeira missão do Espiritismo e das obrigações que ele impõe; sua essência comporta a dignidade e a gravidade; é, pois, para eles um dever declinar qualquer solidariedade com os abusos que o pudessem comprometer e deixar claro que não se fariam campeões de tais fatos, nem diante da justiça, nem perante a opinião pública.

Mas este não é o único escolho. Eu disse que os adversários têm uma outra tática para alcançar seus fins: semear a desunião entre os adeptos, atiçando o fogo das pequenas paixões, dos ciúmes e dos rancores; fazendo nascer cismas; suscitando causas de antagonismo e de rivalidade entre os grupos, a fim de fragmentá-los. E não creiais que sejam os inimigos confessos que agirão assim; estes se resguardarão! São os pretensos amigos da Doutrina e, muitas vezes, os aparentemente mais calorosos; muitas vezes mesmo, com habilidade, farão que amigos verdadeiros, mas fracos, tirem castanhas do fogo com as próprias mãos, amigos que eles ludibriaram e que agirão de boa-fé e sem desconfiança. Lembrai-vos de que a luta não acabou e que o inimigo está ainda à vossa porta; permanecei alerta, a fim de que ele não vos pegue em falta. Em caso de incerteza, tendes um farol que não vos pode enganar: a *caridade,* que nunca é equívoca. Considerai, pois, como sendo de origem suspeita todo conselho, toda insinuação que tendesse a semear entre vós os germes da discórdia, e a vos desviar do reto caminho que vos ensina a caridade em tudo e por todos.

Allan Kardec

Livro *Viagem Espírita em 1862 e outras viagens de Karde*
(Itens de II a XI no Livro.)

É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA "FRANCISCO CAIXETA"

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira, às 19h30
Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos / Passe

Terça-feira, às 19h30
Reunião presencial, aberta ao público
O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo / Passe
Evangelização da criança

Quinta-feira, às 19h30
Reunião presencial fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira, às 19h30
Reunião presencial, aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/Passe

Domingo, às 18h
Reunião aberta ao público
Grupos de Estudos da Doutrina
Obras de André Luiz

Biblioteca Irmã Inez
Terça-feira e Sexta-feira, às 19h30

Sala de Costura Arisa Rodrigues de Oliveira
Segunda-feira, às 13h30

Casa da Sopa Vovó Brígda
Quarta-feira, às 11h
R. Augusto Flávio da Silva, 87 - Vila Estância

«Salve o trabalho, viva o amor!»
Zequinha Ramos

A Boca Da Noite

Por Lindberg R. Garcia

"Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta". (Chico Xavier)

"Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, fala mal da lei e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz" (Tiago, 4: 11)

O título da presente crônica me foi inspirado em uma passagem na vida de nosso querido e saudoso Chico Xavier, trabalhador incansável que se sentindo contrariado pelas críticas que vinha recebendo de todos os que não compreendiam a sua missão se dirigiu queixoso ao seu mentor espiritual.

Narra ele: *"Estávamos, certa vez, sob chuva de observação e eu pedi ao Espírito Emmanuel: Que fazer? Dizem tanto mal…",* e ele respondeu: *"Olha, a boca do mal na Terra é como a boca da noite. Ninguém consegue fechá-la. Vamos trabalhar, trabalhar, trabalhar…"*

O leitor amigo já reparou, vez por outra, que nos encontramos com a "boca da noite" sempre falante, crítica e maledicente a semear comentários desairosos a respeito de tudo e de todos? Falam tanto que chegam a ser chamados, pejorativamente, de "a palmatória do mundo". Todavia, não devemos retribuir na mesma moeda, pois, compete ao espírita a prática da Lei de Justiça, Amor e Caridade, tal qual nos ensina Jesus (vide *O Livro dos Espíritos*, Qs. 873 a 892).

Há pessoas que se julgam no direito de criticar impiedosamente seus semelhantes, que por vezes nem ao menos os conhecem, e pior, na maioria das vezes nada sabem a seu respeito e imaginam saber tudo. Línguas ferinas afiadas na maledicência vão fazendo estragos mundo afora. "A maldade nessa gente é uma arte", já dizia Ataulfo Alves, o grande e saudoso cancioneiro popular no samba "Pois é", lançado em 1955.

Um bom exemplo de que "A maldade nessa gente é uma arte", recordo uma história de que há tempos tomei conhecimento, não sei se a li em uma revista ou jornal, ou se a mesma me foi repassada por algum amigo, mas que bem mostra a arte das "línguas soltas".

O caso se passou em uma Igreja Evangélica de uma pequena cidade do interior do Norte-américa, da qual não me recordo o nome e se não me falhar a memória tentarei reproduzi-la ao amigo leitor. Um diligente pastor, pessoa muito querida pelos moradores locais, primava pela doçura com que tratava seus fiéis e pela amabilidade que dispensava a todos que dele se aproximassem. Esse pastor, certa vez escolheu como sermão em sua igreja o tema "A Tolerância". Iniciou por exaltar a mansuetude e a paz entre os filhos de Deus, buscando inspiração no Evangelho de Mateus, no Cap. 5: v. 9; *"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus."* Falou com brandura e docilidade sobre a benevolência para com os semelhantes, o amor ao próximo, a paciência como forma de caridade, condenou a cólera, a vaidade, e o pai de todos os males, o orgulho. Encerrou o seu sermão com um dos ensinamentos de Jesus, também do Evangelho de Mateus, no Cap. 6: v. 31; *"Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem."*

Os fiéis presentes ao culto escutavam a prédica atenciosos e compenetrados, à exceção de duas senhorinhas que ficavam trocando comentários ente si, à meia voz, sem o menor constrangimento de falarem enquanto o pastor perfilava seus ensinamentos. O distanciamento das duas era tal, que o paciente pastor se sentindo incomodado com as inconsequentes conversadeiras, chegou ao ponto de interromper a pregação, olhar fixo para as fiéis da conversa infindável, na esperança de que elas desconfiassem e interrompessem o colóquio inoportuno. Mas qual o que, mal o pastor voltava à prédica e as duas reiniciavam o diálogo que parecia não mais ter fim. E assim, a interlocução entre as duas senhorinhas se prolongou até o final do culto. E pior, as pessoas que estavam próximas às palradoras inconsequentes davam mostra de estarem incomodadas, pois, não conseguiam prestar atenção ao sermão do paciente pastor. As faladeiras, como se diria hoje, não estavam nem aí para o sermão do paciente pastor. Ao encerrar a preleção da noite, o pastor desceu do púlpito, se dirigiu às senhorinhas da animada conversação, circunspecto e respeitoso lhes admoestou pela atitude de a pouco durante o ofício das prédicas:

– Irmãs, a atitude das senhoras durante o sermão de hoje muito me incomodou. Conversas paralelas durante os cultos, além de ser falta de polidez para com os demais presentes, incomodam o oficiante e lhes tira a concentração sobre o tema abordado; e pacientemente arrematou.

As prédicas do sermão procuram orientar a todos os presentes

Continua...

incluindo as senhoras que deveriam prestar mais atenção aos ensinamentos evangélicos do sermão de hoje. Aliás, as conversas particulares devem ser reservadas a ambientes fora da igreja.

Surpreso, o pastor ouviu das suas palradoras fiéis uma explicação tão absurda quanto despropositada, inicialmente lhe pareceu.

– Pastor, nos perdoe, mas nós prestamos bastante atenção ao sermão de hoje, muito mais do que o senhor possa imaginar. Mas o pastor que pregou sobre a tolerância, a brandura, a benevolência, o amor ao próximo, a paciência como forma de caridade e condenou a cólera, não foi sincero consigo mesmo e nós comentávamos exatamente sobre a falsidade de suas palavras no sermão de hoje. Nós, como suas vizinhas conhecemos de sobra os seus hábitos e procedimentos,
que muito reprovamos, principalmente a sua falsidade, prega o que não faz.

O pobre pastor ante à grave acusação das suas fiéis, ao ouvir aquela recriminação ficou intrigado. Um tanto atordoado pelo que acabara de ouvir, fez uma pausa, respirou fundo para recobrar a serenidade e mais calmo indagou com severidade.

– Irmãs, a atitude das senhoras durante o culto de hoje foi muito imprópria, pois, além de ser falta de polidez para com as pessoas próximas de vocês, me incomodaram desviando a concentração do tema da prédica. Se as senhoras, por ventura não concordaram com a pregação, ou mesmo não simpatizaram com a prédica, deveriam aguardar o término da liturgia e exporem as dúvidas ao oficiante, essa é a atitude correta, como estamos fazendo agora, e pacientemente arrematou;

– Mas quais falsidades as senhoras atribuem à minha pessoa, principalmente sendo minhas vizinhas, imagino que conhecem meu procedimento para com todos nesta cidade, me digam por favor do que me acusam.

Foi quando uma delas se adiantando, assumiu para si a responsabilidade de narrar o motivo do colóquio entre as duas.

– Pastor, exatamente por sermos suas vizinhas é que sabemos o motivo pelo qual comentávamos durante o culto de hoje. Na semana passada, ouvimos gritos vindo de sua casa. Curiosa, tomei a decisão de subir em cima de um banco que fica rente ao muro e olhei o que estava acontecendo em seu quintal. A cena que vi me chocou deveras. O senhor batia em sua esposa com algo pesado, que não pude identificar, ao passo que ela gritava de dor e fugia do senhor enquanto a espancava. Esta é uma atitude de que contradiz todo o sermão sobre a tolerância, a caridade, e a mansuetude, não é mesmo?

Foi aí que um atônito pastor, agora ciente do que se passava entre as fiéis da sua igreja, começou a rir gostosamente. As senhorinhas, a princípio não compreenderam a reação do pastor e replicaram em uníssono;

– Vejam só, além de falso é um grandíssimo cínico e vem à igreja pregar exatamente o que ele não é capaz de cumprir. É ou não é uma contradição ao sermão de hoje?

Repetiram em coro as fiéis conversadeiras. Foi aí, que o paciente pastor veio a tomar ciência da tagarelice de suas fiéis. Mais calmo, agora sabedor da acusação que lhe era atribuída, disse severamente às acusadoras.

– O que as senhoras acham que viram, na realidade foi bem diferente do que acreditaram ver.

– Mas nós não achamos que vimos, nós realmente vimos com nossos próprios olhos que a terra há de comer.

– Não é nada disso, me deixem explicar o que realmente aconteceu, mas antes vou chamar minha esposa para que as senhoras entendam de uma vez por todas o que realmente se passou naquela tarde em nosso quintal.

Fez um sinal à esposa para que ela se aproximasse e diante das faladeiras deu a seguinte explicação:

– Naquela tarde, em que a senhora diz que me viu espancar minha esposa no quintal de nossa residência, o fato foi bem outro. Naquele dia, ela foi atacada por um enxame de marimbondos chumbinhos, cuja casa ela havia danificado ao podar um dos galhos da laranjeira em nosso pomar. Eu tentei protegê-la, abanando com o meu casaco os marimbondos que a atacavam. Seus gritos eram de dor das ferroadas dos insetos, e não porque eu a espancava, pelo contrário, eu a protegia. A custo conseguimos escapar do enxame de marimbondos e corremos em direção de nossa casa, ela à frente, eu atrás, tentando espantar os marimbondos em desabalada carreira até entrarmos e fecharmos a porta da casa, impedindo que os insetos continuassem a nos atacar. Este foi o motivo, bem outro do que as senhoras viram.

As faladeiras, entreolharam uma para a outra sem saber o

Continua...

que dizer e cabisbaixas saíram da igreja sem ao menos se despedirem do paciente pastor.

Moral da história*: "A mente perturbada na maldade é infiel ao que os olhos veem, fazendo acreditar naquilo que os olhos não veem".*

Uma outra lição desse terrível mal da maledicência, a que, por vício ou invigilância estamos todos expostos e que por vezes até contribuímos com essa maldade inconsequente, nos reportamos a um importante ensino de Sócrates (470 aC. a 399 aC.) um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga, numa diegese de cunho moral intitulada de *AS Três Peneiras*:

Certa vez, uma pessoa procurou Sócrates e lhe disse que precisava contar algo sobre alguém. Sócrates lhe perguntou:

– O que você vai me contar já passou pelas três peneiras?

– Três peneiras?

Indagou a pessoa.

– Sim! A primeira peneira é a verdade. Você tem absoluta certeza de que o que quer me contar é verdade? A segunda peneira é a bondade. O que você vai contar é uma coisa boa? A terceira peneira é a utilidade. O que você quer me contar é uma coisa útil? Será conveniente contar? Irá resolver algo? Ajudará a comunidade? Poderá melhorar o mundo?

Sócrates termina falando:

– Se passou pelas três peneiras, conte. Tanto eu, como você e a outra pessoa iremos nos beneficiar. Caso contrário, esqueça e enterre tudo. Será uma intriga a menos para envenenar o ambiente e fomentar a discórdia entre nós e o planeta.

Bem amigo leitor, quantas vezes não passamos por tais experiências como as que agora acabamos de tomar conhecimento? Quantas vezes já fomos abordados por pessoas para nos contar a última novidade? E nesta ocasião, qual foi a nossa atitude? Como reagimos? Será mesmo que estamos preparados ética e moralmente para tal?

Inicialmente, antes de revirarmos nossa memória de quando nos deparamos com um convite de tal desaire, é aconselhável nos socorrermos da Q. 903, de *O Livro dos Espíritos*, e após voltarmos ao diálogo com Sócrates que nos recomenda um preceito ético, qual seja, atender ao tríplice filtro socrático, senão vejamos:

1º) Ser a expressão da verdade, sem quaisquer alterações ou deturpações e ainda, sem interpretações subjetivas da realidade. A investigação criteriosa do fato em um momento que há farta distribuição de *fake news* nos auxilia a separar o joio do trigo;

2º) Deve ter como objetivo um ato de bondade com o propósito de auxílio ao próximo, ou seja, que não venha a prejudicar ou manchar a imagem de pessoas, grupos, sociedade ou organizações. Lembremos-nos que a bondade é a virtude essencial à evolução do Espírito, como anota Kardec em *O Livro dos Médiuns* (item 264) *"A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados";*

3º) E, finalmente, que seja uma informação realmente útil para favorecer indistintamente, ao próximo e à comunidade. Conforme vamos encontrar em *O Livro dos Espíritos – Q. 917, "Sirva de base às instituições sociais, as relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensaram. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato".*

Não sem razão, Paulo de Tarso nos recomenda em Tessalonicenses: *"Quando, porém, à caridade fraternal, não necessitais que eu vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos amais uns aos outros", c*omo também nos ensina Jesus (Mateus, 12: v. 34); *"... Porque sua boca fala o que está escrito em seu coração".*

Ademais, não nos esqueçamos de que o Mestre Jesus ao ver a turba irada que acusava a mulher de adúltera e exigia a sua imolação por apedrejamento, sentenciou: *"Aquele que não tiver pecado que atire a primeira pedra".*

Graças a Deus!

DEUS VIGIA

Nas grandes provações, não te afastes da fé.

Nos pequenos contratempos, cultiva a paciência.

Agradece à Divina Bondade a bênção de cada dia.

Trabalha sempre.

Serve, desinteressadamente, aos outros, quanto puderes.

Esquece injúrias e ofensas.

Não lastimes o passado.

Não censures a ninguém.

Segue sempre para diante e não temas.

Deus vigia.

Emmanuel

Do livro *Recados do Além*/Item 4.
Psicografia de Chico Xavier

Banca do Livro Espírita "Chico Xavier"
Segunda à sexta - 10h às 14h
Sábados - 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n.
Araxá/MG

O Suicídio à Luz da Doutrina Espírita

Por Fábio Augusto Martins

O Espiritismo, uma doutrina consoladora fundada por Allan Kardec, ensina que a vida existencial é um dom sagrado concedido por Deus para o aperfeiçoamento do Espírito imortal, que somos. O suicídio, portanto, é considerado uma transgressão grave à lei divina, pois interrompe, de forma voluntária, a experiência reencarnatória destinada ao progresso espiritual.

Em *O Livro dos Espíritos*, os benfeitores espirituais são claros ao responder a seguinte indagação: "O homem tem o direito de dispor da sua vida? 'Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.'" (*Questão 944*).

Esse ensinamento nos mostra que, por mais duras que sejam as provas, não cabe ao ser humano abreviar sua existência, pois cada situação é um instrumento de aprendizado e de resgate moral. A vida terrena, com seus desafios, é oportunidade de crescimento. Allan Kardec também questiona sobre aqueles que buscam no suicídio o alívio para as dores. A resposta dos Espíritos é esclarecedora: "E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo? 'Pobres Espíritos, que não têm coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que não têm força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a sua salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso ou fortuna! O acaso, ou a fortuna,para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.'" (*Questão 946*).

Em *O Céu e o Inferno*, segunda parte, Allan Kardec reuniu comunicações de Espíritos de várias condições, inclusive os que praticaram o suicídio. Esses testemunhos apresentam um ponto em comum: o sofrimento, o arrependimento e a ilusão de terem acreditado que a morte seria um fim para as dores. Um dos relatos, de um suicida, traz a seguinte confissão: "Julguei que o nada me esperava, e encontrei o sofrimento. (...) É horrível! O corpo se despedaça, e eu sinto cada fragmento. Ah! Se os homens soubessem! Se soubessem o que é o suicídio, recuariam espavoridos diante de semelhante falta!" (*O Céu e o Inferno*, Segunda Parte, Cap. V).

Esses testemunhos vêm confirmar que a vida não se extingue com a morte do corpo físico; ao contrário, continua, e o Espírito permanece ligado ao sofrimento moral e às consequências do ato. O suicídio não soluciona o problema, apenas o transfere, geralmente em condições ainda mais penosas.

Contudo, o Espiritismo não traz apenas advertência: ele consola, esclarece e ampara. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Cap. V, item 3), aprendemos com Kardec que: "Se é (Deus) soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa*."

Deus é soberanamente justo e bom. Portanto, todas as penas são proporcionais às faltas. Nenhuma há que não tenha um fim; pois tudo passa, e a mais severa das punições, que é a condenação ao exílio, não é eterna, também é passageira.

Portanto, do mesmo jeito que a vida existencial é uma passagem, o suicida não está condenado ao castigo eterno. Ele encontrará, em seu tempo, amparo, oportunidade de arrependimento e recomeço. Cabe aos que permanecem na Terra auxiliá-lo com a prece, o pensamento fraterno e a vibração de amor. A oração sincera chega ao Espírito em sofrimento como um bálsamo, ajudando a suavizar sua dor e a fortalecer-lhe o ânimo. Oremos ao Anjo da Guarda de quem cometeu esse desatino. Que ele possa fazer pelo suicida o que não conseguimos.

Diante disso, a Doutrina Espírita nos convida à fé raciocinada, à paciência e à coragem diante das dificuldades da vida. Jesus nos deixou o grande convite: "Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo. (Mateus, 11:28 a 30. *Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. VI, item 1). Essa promessa nos recorda que nunca estamos sozinhos. Ainda que os fardos pareçam insuportáveis, sempre haverá socorro divino, e o amor de Deus é mais forte do que qualquer desespero.

Assim, ao refletirmos sobre o suicídio à luz da Doutrina Espírita, compreendemos que a vida é uma bênção,

Continua...

que as dores são passageiras e que a fé nos sustenta. Aos corações enlutados, a mensagem é de esperança: a morte não é o fim, o que morre é apenas o corpo físico; nós, Espíritos imortais que somos, sobrevivemos ao túmulo; o amor não se apaga, e aqueles que partiram encontrarão, com o tempo e com a ajuda das preces, o caminho da paz e do reencontro.

Mas, o esclarecimento se faz necessário como um verdadeiro antídoto ao desatino de dar cabo a própria existência terrena. O suicídio é uma chaga dolorosa da humanidade, que revela, sobretudo, a fragilidade do coração humano diante das lutas da vida. A Doutrina Espírita nos esclarece que a existência terrena é uma oportunidade sagrada, em que cada prova ou dificuldade carrega em si um sentido de crescimento e aprendizado para o Espírito imortal. Quando alguém, tomado pelo desespero, interrompe a própria vida, não encontra o alívio imediato que buscava, mas sim a continuidade das dores no mundo espiritual. Contudo, é fundamental lembrar, como foi dito anteriormente, que não há condenação eterna: há, sim, o amparo divino, a misericórdia de Deus e a assistência dos Espíritos amigos, que nunca abandonam aqueles que se equivocaram na sua caminhada.

Às famílias que enfrentam a dor da perda por suicídio, o Espiritismo convida à esperança e à oração. O Espírito que partiu, embora em sofrimento, pode ser beneficiado pelas preces sinceras, pelo amor que não morre com a separação física e pelo perdão que os corações oferecem. Jesus, nosso Mestre e Senhor, nosso Guia e Modelo, jamais abandona nenhuma de suas ovelhas, e cada Espírito encontrará, em seu tempo, novas oportunidades de reconstrução e paz. Que possamos acolher com ternura a memória dos que partiram, fortalecendo em nós a certeza de que a vida continua, que o amor é mais forte que a morte biológica e que, em Deus, sempre haverá um recomeço.

RESPEITEMOS A VIDA SUICÍDIO, NÃO!

"Você continuará a viver depois da morte. O suicídio é uma ilusão." Não vai resolver os seus problemas, muito pelo contrário, vai agravá-los.

Procure ajuda!

Allan Kardec indaga aos Espíritos Superiores, na questão 943, de *O Livro dos Espíritos*, "Donde nasce o desgosto pela vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos? 'Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoa mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera'."

Na questão 944a, Kardec indaga aos imortais: "Não é sempre voluntário o suicídio? 'O louco que se mata não sabe o que faz'." Portanto, há atenuantes, como o caso de uma pessoa fora de si.

Allan Kardec vem nos esclarecer a respeito da falta de fé no futuro e a ideia materialista como causas do suicídio. "A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a *covardia moral*. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*." (Item 16, Cap. V - *O Evangelho Segundo o Espiritismo).*

Não se esqueça, a maior decepção do suicida é a constatação de que não morreu.

Muita paz e alegria de viver em equilíbrio.

Jesus ilumine o nosso caminho, sempre.

Deus nos abençoe!